

Alliados! Amigos!

A Camara do Porto e a commissão organisadora da Junta Patriotica do Norte realisa hoje no Palacio da Bolsa uma grande sessão publica para saudar as nações alliadas, e promove com o mesmo fim um cortejo em que estará seguramente representada a alma livre da mais liberal das cidades. Essas duas manifestações são o inicio de um movimento de fé que depois de ter feito de cada um de nós um cidadão, de cada um de nós fará tambem um soldado. Numa guerra não se é soldado sómente quando se caminha de alma erguida e passo firme para a confusão das batalhas; mas onde quer que o fogo do coração e o sacrificio da vida se colloquem ao serviço do triumpho, como a bravura ao serviço dos fortes, e o perfume ao serviço das flôres.

Sem duvida teria sido infinitamente melhor para a paz do nosso espirito e para a tranquillidade da nossa digestão que não tivessemos de intervir. Intervir mesmo por quixotismo, como chegou a desenhar-se, seria um erro igual a um crime, e contra elle protestariamos sempre. Fugir, porém, e mais do que fugir, esmorecer, numa altura em que com a propria independencia está empenhada a honra mesma, seria moldar em abjecção pura a mascara vil da ignominia. Nós não podiamos, nós não saberiamos fazel-o. Um povo que mantém intactas todas as suas virtudes, dever, honra, altivez, heroismo, não podia nunca ter outra conducta que não fosse aquella que o inscreveu num registo de ouro, que será eterno, e o

dignifica tanto mais quanto soube inscrever-se de animo forte e pulso firme. Aquillo que nos nossos inimigos é cumplicidade e conluio, é nos nossos amigos confraternisação e alliança. Aos seus destinos associamos os nossos, á sua coragem a nossa coragem. Com elles, portanto, estamos.

Mas na manifestação de hoje, vamos dizer-lhes que com a nossa pequenez lhes levamos os nossos sonhos de liberdade e o sangue das nossas veias. Vamos dizer-lhes como num pequeno ninho pode nascer uma grande aguia, e como um povo que sabe cantar na luz divina do mais bello sol, egualmente sabe lutar, sofrer e resistir onde quer que o arraste o seu ideal de justiça. Vamos recordar-lhes que o maior representante da sua nobre raça teve o braço ás armas feito e a mente ás musas dada, para immortalisar a patria na maior das liras e defendel-a com a mais illustre das espadas. Vamos dizer-lhes que em Portugal tudo quanto é alegria nos prados, aroma nas rosas, canto nas aves, candura nas almas, é decisão na marcha, resistencia no esforço, energia no braço. Vamos dizer-lhes, —ide dizer-lhes!— como de um solo que foi roído de toupeiras que aniquilam raizes se elevam florestas que desafiam astros! E vamos dizer-lho, sim! com uma voz tão limpida e tão alta que saia do peito como uma aurora irrompe de um monte e um fogo de lava sai de uma cratera!

Guedes de Oliveira.

(Da «Tribuna Livre», d'«O Primeiro de Janeiro», de hoje, 16 de março de 1916).
Tiragem especial, mandada distribuir pela

Junta Patriotica do Norte.